

UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS – UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE EDUCAÇÃO CONTINUADA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM CINEMA

JANAINA DOS SANTOS GAMBA

GRITE, GRITE OUTRA VEZ! – UM ESTUDO DE CASO SOBRE O STAR SYSTEM
E VINCENT PRICE

PORTO ALEGRE

2011

JANAINA DOS SANTOS GAMBA

GRITE, GRITE OUTRA VEZ! – UM ESTUDO DE CASO SOBRE O STAR SYSTEM
E VINCENT PRICE

Trabalho de Conclusão de Curso de
Especialização apresentado como
requisito parcial para a obtenção do título
de Especialista em Cinema, pelo Curso
de Especialização em Cinema da
Universidade do Vale do Rio dos Sinos –
UNISINOS

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Fatimarlei
Lunardelli

PORTO ALEGRE

2011

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	6
2 Uma Pequena Introdução ao Gênero do Horror.....	7
3 A Era de Ouro do Horror no Cinema	8
4 Vincent L. Price, o Star System e a construção do mito.....	14
5 Grite, Grite Outra Vez! – A Construção do Arquétipo.....	21
6 CONCLUSÃO	23
REFERENCIAL TEÓRICO.....	25

GRITE, GRITE OUTRA VEZ! – UM ESTUDO DE CASO SOBRE O STAR SYSTEM E VINCENT PRICE

Resumo

Este artigo, de forma breve, tem por objetivo abordar a carreira do ator Vincent Price, que foi simultânea a Era de Ouro do Horror no cinema. Para tanto, traça um paralelo entre o surgimento do horror como gênero, seu florescimento e desenvolvimento na indústria cinematográfica, além de fazer uma conexão com Vincent Price, um dos maiores nomes do cinema de horror, o *Star System* e a construção do arquétipo. Utilizando como base teórica e metodológica, são consultadas diversas obras tais como: *Horror: The Reader* de Marc Jancovich, *O Gênio do Sistema* de Thomas Schatz, *As Estrelas de Cinema* de Edgar Morin, *Vincent Price: A Daughter's Biography* de Victoria Price, além de outros livros, publicações e filmes dos mais diversos diretores estrelados por Vincent Price. São examinadas algumas das principais características da carreira, além de filmes estrelados pelo ator, de modo a investigar o porquê sua imagem é tão ligada ao cinema de horror, apesar das falhas que o *Star System* teve ao construí-la.

Palavras-Chave: Cinema. Horror. Vincent Price. *Star System*. Arquétipo.

Abstract: The main objective of this article is to provide a brief overview of the career of the actor Vincent Price, which existed simultaneously with cinema's Golden Age of Horror. The article traces a parallel between the beginning of horror as a genre, its development and unfolding in the film industry, as well as the connection with Vincent Price, one of the best known actors in his genre, the Star System and archetype construction. Using as methodological and theoretical base, are consulted many works, such as: *Horror: The Reader* of Marc Jancovich, *O Gênio do Sistema* of Thomas Schatz, *As Estrelas de Cinema* of Edgar Morin, *Vincent Price: A Daughter's Biography* of Victoria Price, besides other books, publications and movies of the most diverse directors starred by Vincent Price. Will be examined some of the main features of his career as well the films he starred, in a way to investigate why his

images is so attached to horror films, despite the flaws that the Star System had to build it.

Key-Words: Cinema. Horror. Vincent Price. Star System. Archetype.

1 INTRODUÇÃO

O horror é um dos gêneros cinematográficos mais antigos, remetendo-se à literatura e à tradição oral e também – em se tratando de cinema – um dos mais cultuados. Como em todos os outros gêneros, este também tem seu próprio hall de estrelas. E com certeza, uma das *personas* mais lembradas neste gênero é Vincent Price (1911 – 1993).

Em sua prolífica carreira, Price atuou em mais de 100 filmes, além de participar de inúmeros programas de rádio e shows televisivos, além de estar sempre ligado à culinária e às artes em sua vida pessoal. Price transitou por muitos gêneros ao longo de sua carreira, porém sempre teve seu nome e sua figura vinculados aos filmes de horror.

Este artigo tem como finalidade analisar em quais aspectos possíveis o *Star System* teve influência decisiva para a construção da imagem de Vincent Price, que de ator com uma formação dramatúrgica concebida no teatro, vai para Hollywood e acaba se tornando um ícone no que concerne aos filmes de horror. Price é aqui analisado como um estudo de caso, onde são examinados não somente seus filmes de horror, como também sua participação em outros gêneros cinematográficos.

O artigo foi concebido de modo a manter uma linearidade que vai desde o surgimento do horror como um gênero literário e artístico, que veio mais tarde a se tornar um dos mais populares e rentáveis gêneros cinematográficos, contextualizando seu surgimento na indústria fílmica desde o Expressionismo Alemão até os estúdios AIP e Hammer Films. Como fontes bibliográficas foram consultadas as obras de Marc Jancovich, Tomas Schatz, além de alguns outros artigos de acadêmicos de várias instituições no País e que foram publicadas na internet.

Também o *Star System* foi contextualizado para que houvesse uma base onde fosse possível falar sobre a carreira cinematográfica de Price, e de como ela foi construída com a figura deste ator sendo tão intimamente ligada ao gênero do horror, e para tal, a referência teórica veio de Edgar Morin, que há muito trabalha com a questão da construção do mito de estrela de cinema. Além de relacionar a carreira e a imagem de Price com a construção do seu arquétipo dentro do gênero,

foi dada uma possível explicação de por que o horror como gênero é tão popular, e qual conclusão pode se tirar deste estudo.

2 Uma Pequena Introdução ao Gênero do Horror

O gosto que muitas pessoas hoje em dia parecem demonstrar pelo horror como gênero, a princípio, parece paradoxal. O que, por exemplo, levaria Price a atuar em inúmeros filmes dentro deste gênero e se tornar um ator renomado por isso? Contudo, paradoxal ou não, é necessário o entendimento daquilo que Noël Carroll (1999, p. 21) chama de “Horror Artístico”.

Manifestado em diversas formas de arte e mais do que nunca presente em muitas mídias, o horror é, apesar de tudo, um gênero relativamente novo e moderno, datado do século XVIII. Diferentemente do que se possa ter em mente, este gênero começou na literatura, mais precisamente no romance gótico inglês, no *Schauerroman* alemão e no *roman noir* francês. O romance *O Castelo de Otranto* (1765) de Horace Walpole é tido como obra que inaugura o “horror artístico”. Uma definição possível para este conceito é o daquele que se utiliza de manifestações artísticas de várias espécies, reunindo elementos em comum cuja finalidade seja a de causar emoção, neste caso, de causar o “horror”.

Há toda uma classificação interna do gênero, pois as obras também possuem entre si diversas classificações, divisões e desdobramentos. Assim como o filósofo e lingüista Tzvetan Todorov, Carroll também propôs um esquema classificatório literário do gênero, sugerido pelo estudioso do ocultismo Montague Summers. Todorov em sua *Introdução à Literatura Fantástica* sistematiza o horror para problematizar o pensamento lógico. Para tanto, fez uma divisão em três grandes grupos: 1. O “Fantástico Maravilhoso”: que seria a existência exclusiva dos fatos e eventos sobrenaturais, sem envolver as reações provocadas nos personagens. O Fantástico Maravilhoso sugere realmente a existência do sobrenatural Assim como o estranho, que veremos adiante, ele não tem limites claros. “(...) os elementos sobrenaturais não provocam qualquer reação particular nem nas personagens, nem no leitor implícito” (2010, p.60); 2. O “Fantástico”: implicaria na existência de um acontecimento estranho, num mundo real habitado

por criaturas vivas, onde tanto o herói quanto, no caso, o espectador, hesitam entre uma explicação natural e uma sobrenatural para os acontecimentos, durando somente o tempo desta hesitação e 3. O “Estranho”: quando as leis da realidade permanecem intactas, ou, em outras palavras: relatam acontecimentos que são explicados racionalmente, mas que de alguma forma, são chocantes, incríveis e extraordinários, ainda assim incutindo as mesmas reações experimentadas no Fantástico. Já Carroll (1999, p. 17), monta outro tipo de esquema classificatório: 1. O “Gótico Histórico”: seriam histórias que se situam no passado, sem sugerir eventos sobrenaturais; 2. O “Gótico Natural”: seriam fenômenos sobrenaturais que são dissolvidos por meio de explicações e 3. O “Gótico Equívoco”: seriam histórias que tornam ambíguas a origem do sobrenatural dos acontecimentos que aparecem em personagens psicologicamente perturbados.

3 A Era de Ouro do Horror no Cinema

Cinematograficamente, o horror é um gênero extremamente popular. O filme mais proeminente e mais lembrado quando se fala em filmes de horror é *O Exorcista* (1973) de William Friedkin. Porém, é necessário contextualizar a história da chamada Era de Ouro do cinema norte-americano, retomando os primórdios do gênero e seu nascimento num contexto geral.

Segundo Marc Jancovich (2002, p. 17), George Méliès e seus contemporâneos na década de 1900 já se utilizavam de elementos do imaginário fantástico e do horror em seus filmes. Porém, é só depois da 1ª Guerra Mundial que o horror passa a despontar no cinema. O Expressionismo Alemão (décadas de 1910 e 1920) passa a ser o expoente estético e dramaturgico, que carrega dentro de si a essência daquilo que ainda hoje é o cinema de horror:

Não apenas a narração de uma aventura estonteante vista pelos olhos de um louco – isto é: deformações visuais, expressionismo de montagens, esquematização de personagens. É também, e sobretudo, uma das mais macabras estórias de cinema inventadas pela imaginação humana. Ou seja: expressionismo de fundo, gosto mórbido por assuntos trágicos e alucinantes[...]. O que esses filmes nos contam, na verdade, são estórias

sinistras, aventuras de incríveis criminosos, ronda tremenda, alucinante, de agonizantes e fantasmas [...] todo um universo de pesadelo e de loucura, terror e pânico. (FARIA *apud* ALVES, 2007)¹.

Este período do Expressionismo Alemão, seus temas psicológicos e sua estética anti-realista é seguido pelas produções hollywoodianas dos anos 1930². *King Kong* (1933) de Merian C. Cooper e Ernest B. Schoedsack é considerado por muitos estudiosos um filme de horror, entretanto, é quase consenso que *Frankenstein* (1931), sua continuação *A Noiva de Frankenstein* (1935) ambos de James Whale e *Drácula* (1931) de Tod Browning são as obras mais notáveis, consideradas uma importante ligação entre o horror no cinema e a literatura gótica, além de marcarem o advento deste gênero em Hollywood. Também é importante lembrar que graças a estas obras, pela primeira vez a figura do monstro surge como sendo a figura central, além de haver o lançamento de suas duas primeiras estrelas dentro do chamado *Star System*: o inglês Boris Karloff e o húngaro Bela Lugosi.

Sangue de Pantera (1942) de Jacques Tourneur, produzido pela RKO na década seguinte também é lembrado, pois traz elementos góticos dentro de uma narrativa localizada num mundo moderno. A partir de então, o horror deixa de possuir tantas narrativas que se passam em lugares exóticos, sendo conduzido cada vez mais dentro do cotidiano e do mundo moderno. Além disso, estes filmes passam a ostentar créditos artísticos e literários, mesmo que, em grande parte, produzidos com baixo orçamento.

Já na década de 1950, há o *boom* de obras cuja temática é associada aos acontecimentos ligados à Guerra Fria (monstros radioativos, experiências, acidentes nucleares, etc.), contudo, não há consenso entre os estudiosos no que se refere ao gênero, podendo ser tanto horror, quanto ficção científica. Estas obras cinematográficas de natureza fantástica tornaram-se extremamente populares entre

¹ FARIA *apud* ALVES, Mariana de Souza e LEITE, Gabriela Figueiredo. *In: Sobre a possibilidade de os filmes comerciais apresentarem características de “filme de arte” a partir do trabalho do diretor Tim Burton*. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/6260/5672>>. Acesso em 04/08/11

² Lon Chaney, “O Homem das Mil Faces” é considerada a primeira grande estrela do horror, ainda durante a década de 1920. BERGAN, Ronald. **Guia Ilustrado Zahar de Cinema**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006. p. 23

o público jovem, e inicialmente a *American International Pictures* (AIP) passa a produzir filmes com temática alienígena que vira febre entre o público adolescente. Importante lembrar que a AIP, empresa ligada à MGM, produziu durante as décadas de 1960 e 1970 alguns filmes protagonizados por Vincent Price. Muitos destes filmes foram dirigidos e produzidos por Roger Corman, como Jancovich bem coloca:

Roger Corman estava dirigindo o primeiro ciclo de filmes que foram vagamente baseados na literatura de Edgar Allan Poe. Estes filmes foram feitos com baixo orçamento que eram pródigos filmes coloridos que usavam um excesso visual para criar um mundo de pesadelos de fantasia melodramática e eram claramente feitos em resposta à evolução no exterior (2002, p. 13, tradução nossa).

Ao mesmo tempo, uma companhia inglesa chamada Hammer Films, passa a fazer fenomenal sucesso com as suas próprias versões dos clássicos de horror hollywoodianos como *Frankenstein* e *Drácula*. Durante os anos 60, vários diretores de cinemas nacionais ao redor do mundo estavam produzindo suas próprias obras de horror, tais como: Mario Bava na Itália, Jess Franco na Espanha, José Mojica Marins (mais conhecido como “Zé do Caixão”) no Brasil, entre outros. Contudo, Jancovich em seu “Horror, The Film Reader” coloca sua insatisfação quanto ao filme *Psicose* (1960) de Alfred Hitchcock. Segundo ele, o filme é creditado como tendo transformado o horror de duas maneiras: em primeiro lugar, a obra coloca o gênero como localizado firmemente no contexto da sociedade norte-americana e, em segundo lugar, o gênero estaria, supostamente, colocado dentro deste contexto através de filmes anteriores. Esta obra específica quando colocada no âmbito dos filmes produzidos no período, acaba por trazer um aspecto meramente psicológico ao gênero. A partir de então no horror, passa a acontecer um ciclo de “filmes de horror familiares” (JANCOVICH, 2002, p. 14, tradução nossa) que culmina com o lançamento da produção independente *A Noite dos Mortos-Vivos* (1968) de George Romero. Deste momento em diante há uma leva de filmes realizados de modo autoral (muitos deles, inclusive, se tornaram franquias e/ou tiveram continuações bem sucedidas): *O Massacre da Serra Elétrica* (1974) de Tobe Hooper, *Quadrilha de Sádicos* (1977) de Wes Craven, *Carrie, A Estranha* (1976) de Brian De Palma,

Halloween (1978) de John Carpenter, finalizando com as sagas *Sexta-Feira 13* e *A Hora do Pesadelo*, ambas da década de 1980.

Em se tratando da grande indústria cinematográfica, o horror passou por altos e baixos, sendo diretamente afetada pelo modo como foi produzido pelos grandes estúdios hollywoodianos. É necessário adentrarmos um pouco na história de como foi seu advento na grande indústria para que haja a compreensão do que o *Star System* é de como ele funciona.

A Universal foi o primeiro grande estúdio hollywoodiano a investir no gênero de horror. Para tanto, desenvolveu operação orientada por parâmetros industriais de larga escala de produção. Como resultado, acaba produzindo obras de qualidade inferior que tinham o *status* de segunda classe. Porém, após a 2ª Guerra, reuniu em torno de si uma série de circunstâncias favoráveis, entre elas a possibilidade de criação de uma rede de televisão. O gênero de horror foi vital para a sobrevivência do estúdio pós-crise de 29, pois representou um excelente negócio, além de construir o parâmetro para este mesmo gênero que mais o caracterizou. Entre seus profissionais reuniu o aclamado diretor James Whale, os atores Bela Lugosi e Boris Karloff, o roteirista John Balderston e o então cinegrafista, que mais tarde também se tornaria diretor, Karl Freund.

Durante os anos de 1934-35, Carl Laemmle Jr. Expandiu a produção de filmes do gênero, inclusive os longas de baixa qualidade. Em meados desta década passou a produzir os chamados “Programas-duplos” de horror de 60 minutos, onde Lugosi, Karloff e, mais tarde, Claude Rains trabalharam juntos para elevar o aspecto qualitativo dos filmes. Contudo, estes filmes eram produzidos em um curto período de tempo e com orçamento inferior a 200 mil dólares. *A Noiva de Frankenstein* de Whale é considerada uma obra de categoria A do estúdio, tendo um sucesso de bilheteria praticamente assegurado na época de lançamento. Esta continuação de *Frankenstein*, como consta, não havia sido feita com o intuito de “requestrar” o primeiro filme, muito menos de faturar com o sucesso deste, pois obteve grande sucesso e demonstrou o “encantamento”, a flexibilidade e a importância do horror com o gênero cinematográfico para a Universal. Curiosamente, *A Noiva de Frankenstein* possui características que conduziram o gênero do horror aos domínios da “comédia negra” (SCHATZ, 1991, p. 237) com o tom de comédia

pastelão de Elsa Lanchester. Entretanto, Laemmle Jr. se mostrava insatisfeito por produzir tantas obras no gênero, e por fim anunciou que *A Noiva...* seria a última grande produção do estúdio em se tratando de horror. Assim, de forma a buscar mais prestígio, Laemmle provocou mudanças significativas. John Stahl passa a fazer filmes femininos, James Whale deixa de dirigir os filmes que o fizeram famoso e se arrisca nos musicais, Freund acaba sendo contratado pela MGM, que quer passar a investir no horror. Com estas mudanças, a produção das obras do gênero mais forte da Universal acaba caindo nas mãos dos talentos de 2ª linha do estúdio.

No período pós-2ª Guerra, a Universal volta a produzir horror como complemento de filmes de espionagem, comédias de Abbott e Costello e de filmes lançados em Technicolor. As produções inferiores do gênero foram capitaneadas por Lon Chaney Jr. (filho de Lon Chaney), que explorou diversos personagens nos programas-duplos, porém, sempre em obras de 2ª linha. O estúdio, então, simplesmente reformulava cenários, figurinos, equipe e argumentos, deixando claro o gosto pelo “custo-eficiência”. Já as produções de alta qualidade melhoraram em diversos aspectos e o que contribuiu para que isso acontecesse foi o direcionamento da estética do Expressionismo Alemão para os *thrillers* de crime e suspense no estilo *film noir*. Sabe-se que neste período, não há mais uma produção massiva ou de qualidade como anteriormente.

Na década de 1950, com o advento da televisão nos lares da América, o cinema acaba perdendo um pouco do seu brilho. Em 1954, porém, surge a American International Pictures (AIP), fundada por James H. Nicholson e Samuel Z. Arkoff. Com a finalidade de potencializar filmes de ação, comédia e horror para o público adolescente, uma vez que os adultos de então preferiam o entretenimento proporcionado pela televisão. O objetivo inicial da empresa era o de produzir filmes independentes e de baixo orçamento para este público mais jovem. O grande filão da AIP foram os filmes de rock’n’roll, de “festa na praia” e de horror, sendo os últimos uma especialidade da casa, e na maior parte dirigidos por Roger Corman, também conhecido como “O Rei dos Filmes B”. No início da década de 1960 começa o chamado “Ciclo Poe de Roger Corman”, uma série de filmes dirigidos por Corman e protagonizados por Price, baseado nas obras de Edgar Allan Poe, com o

apoio e a participação da Hammer, especializada em filmes de horror³. Os filmes deste ciclo possuíam uma estética muito marcante, mesmo que muitos dos efeitos visuais fossem reciclados e reutilizados em outros filmes do ciclo. Foi também durante esta época que a AIP redescobriu os talentos esquecidos de Boris Karloff e Peter Lorre. A AIP também se lançou como companhia produtora de televisão e gravadora, e durante a década de 1970 investiu pesado nos filmes de *Blaxploitation*, também investindo na produção e distribuição de filmes mais diversificados, o que culminou num aumento dos custos da empresa, e posteriormente, na sua falência. Concomitantemente, a inglesa Hammer Film Productions, fundada ainda na década de 1930, tem durante as décadas de 1950 e 1970 o auge de sua produção cinematográfica em filmes de horror e lança os nomes de Christopher Lee e Peter Cushing. A Hammer foi a responsável por dar nova vida ao cinema de horror no período do Pós-Guerra ao fazer filmes de forma rápido e com baixos custos. James Carreras, que fazia parte da Companhia na época, tinha a política de produzir filmes de acordo com o que ele acreditava que fosse do gosto do público, e numa era onde a televisão atraía cada vez mais público ou este estava sendo levado às salas de cinema somente pelos grandes espetáculos promovidos pelo CinemaScope e pelo Technicolor, a Hammer fez suas próprias apostas naquilo que ela acreditava que fosse um bom investimento. É justo então dizer que existiu todo um esforço na revitalização do horror como gênero cinematográfico durante os anos 1950, mesmo que influenciados por todo o clima político proporcionado pela Guerra Fria. A primeira leva deste filmes “góticos” foi largamente produzida por alemães e judeus fugidos do Nazismo, já a segunda leva foi resultado direto da influência que o clima político de então tinha sobre as audiências. É neste momento que o horror floresce como um gênero que consegue transmitir através dos filmes o subconsciente das massas.

³ Exceto por “Enterro Prematuro” (1962) que teve Ray Milland como protagonista.

4 Vincent L. Price, o Star System e a Construção do Mito

A carreira de Vincent Price é quase que simultânea a Era de Ouro do Horror na cinematografia norte-americana, e ele, ao contrário do que parece, levou muito tempo antes de ter seu nome e sua figura diretamente associados ao horror. Mas antes de tudo, ele sempre esteve no *hall* das grandes estrelas de cinema de sua época. Qualquer artista que se fizesse reconhecer como grande na Era dourada do cinema de Hollywood teve toda sua persona artística criada pelo *Star System*. O *Star System* foi uma forma que os grandes estúdios hollywoodianos encontraram, a partir da década de 1910, de produzir o máximo de lucro para os investidores. Para tanto, aumentou-se o custo de produção dos filmes, tornando a *star* (estrela) como seu principal atrativo. Porém, dentro desta lógica econômica, também estava presente toda uma simbologia: além de seu valor como um produto industrial, ela possui uma “aura mitológica”. Edgar Morin estabelece contextualmente o surgimento deste sistema:

Como situar e compreender este fenômeno? Não é possível fazê-lo senão de maneira multidimensional, e estabelecendo uma ligação: 1. Com os caracteres fílmicos da presença humana no *ecrã* e da questão do ator, 2. Com a relação espectador-espetáculo, e com os processos psico-afetivos de projeção-identificação particularmente vivos nas salas obscuras, 3. Com a economia capitalista e com o sistema de produção cinematográfico, 4. Com a evolução sócio-histórica da civilização burguesa (1980, p. 10).

O *Star System* existe desde a época do cinema mudo, sendo desde então o coração da indústria fílmica. De 1913-14 a 1919, este sistema fixa-se nas indústrias cinematográficas norte-americana e européia, cristalizando a idéia de que tanto o filme quanto a publicidade deve girar em torno da estrela. Os mitos (fábula, aquilo em que não se pode acreditar) são, então, fabricados de maneira compulsória, gerando notoriedade ao redor de sua estrela. Esta estrela orbita em torno de um universo paralelo, onde seu apogeu cinematográfico deve corresponder ao ponto mais alto de sua vida em parte mítica, em parte real. A estrela é quase que “sobre-humana”, sendo um ídolo marmóreo, distante dos demais mortais, onde sua vida privada é pública e sua pública é um produto a ser comercializado. O que há, então, é a fabricação em larga escala destas estrelas que visam encantar as platéias,

levando-as a consumir o produto fílmico, legitimando, assim, o interesse dos grandes estúdios. Acerca do desenvolvimento do *Star System* como um “modo de produção” capitalista, Morin novamente coloca que:

O *star system* constituiu-se progressivamente, sendo mais um elemento destes desenvolvimentos do que uma consequência deles. As suas características internas são as mesmas do grande capitalismo industrial, comercial e financeiro. O *star system* é, primeiro, *fabricação*. Esta palavra é espontaneamente utilizada por Carl Laemmle, o inventor das estrelas de cinema: “A fabricação das estrelas é uma coisa primordial na indústria do filme (1980, p. 80).

Após a 1ª Grande Guerra, com o advento do som no cinema e com a grande crise de 1929, alguns conceitos acabam por ser revisados. As grandes transformações acontecem a fim de humanizar a estrela, deixando-a menos sublimada, e permitindo que os astros e estrelas façam parte da vida cotidiana dos espectadores, adquirindo desta forma atributos mais familiares. Como consequência, pode-se dizer que faz parte deste sistema toda uma construção simbólica, onde a construção mitológica tem uma estreita relação de afetividade presente na relação espectador-ator. As estrelas seriam similares aos deuses no Olimpo. Junto com o *Star System*, surge a figura do herói, e conseqüentemente, de forma maniqueísta, a do vilão. O mito leva o espectador a se identificar com aquilo que está sendo mostrado na grande tela, criando uma relação psico-afetiva onde os pontos de identificação começam a ter base em características cada vez mais realistas. É necessário pensarmos que durante toda sua carreira fílmica, Vincent Price, construiu, de certa forma, uma relação de simpatia através de sua imagem, com os espectadores e admiradores dos filmes de horror, ao, muitas vezes, humanizar o seu vilão. Como Morin novamente descreve: “A estrela não é só uma atriz. As suas personagens não são só personagens. As personagens de filme contaminam as estrelas. Reciprocamente, a estrela contamina, ela própria, as suas personagens” (1980, p. 33).

Vincent Leonard Price nasceu em 27 de maio de 1911, na cidade de St. Louis, no Missouri e desde sua incursão profissional nas artes dramáticas, foi diretamente afetado pelo *Star System*. Filho de uma família abastada, sempre teve

inclinação para as artes plásticas, dramáticas e audiovisuais. Iniciou sua carreira no teatro na década de 1930, na época em que viveu em Londres para estudar a história da arte, uma de suas grandes paixões. Sua estréia em Hollywood se deu apenas alguns anos depois de sua consagração no teatro, numa época em que a Broadway dificilmente seria lembrada apenas por suas peças musicais.

Se o *Star System* estiver, também, de alguma forma ligada ao teatro, desde sua estréia nos palcos norte-americanos em 1935, Price poderia dizer que teve sua carreira artística afetada positiva ou negativamente pelo Sistema de Estrelas. Já nesta época era considerado um símbolo sexual e tinha inúmeras fãs do sexo feminino. Com sua estréia em Hollywood, a vida e a carreira de Price tendem a ser consideravelmente afetadas pelo *Star System*.

Como bem lembrado em sua biografia, sua “estréia” dramática se deu em 1914, aos três anos de idade, quando fez uma participação numa peça escolar de uma de suas irmãs mais velhas. Durante toda a sua vida estudantil fez parte de grupos de teatro amadores e mesmo que não tenha sido encorajado pelos seus pais a seguir as artes dramáticas como profissão, foi em 1935, em Londres, que realizou seu primeiro trabalho sério nos palcos, atuando com dois papéis na peça *Chicago*. Logo depois veio a oportunidade de atuar na peça *Victoria Regina*, sobre a vida da rainha homônima. A peça, levada para a Broadway fez tremendo sucesso, o que abriu as portas para Price, que já em 1936 fez seu primeiro teste para Hollywood. Em 1937 já se sentia extremamente afetado pela fama criada ao redor de seu personagem, e decide não mais interpretar seu papel de Príncipe Albert em *Victoria Regina*.

Em 1938, Price é convidado por Orson Welles para integrar a equipe de atores do Mercury Theater e ainda neste mesmo ano recebe ofertas da MGM e da Universal, com a qual acaba assinando. A partir daí, os grandes agentes já enxergam a possibilidade um novo mito, como lembra Victoria Price (1999, p. 113, tradução nossa): “Ao assinar com Vincent Price, o estúdio esperava ter encontrado um homem de liderança com apelo comparável – uma figura que pudesse rivalizar com outros estúdios”. Também neste mesmo ano, Price estréia em Hollywood com o filme *Service De Luxe*, uma comédia romântica onde ator sentiu que sua estréia foi fraca e seu papel, insignificante.

Price é sempre lembrado pelos filmes de horror, entretanto, é necessário lembrar que ele atuou em quase todos os gêneros cinematográficos, e durante longo tempo de sua carreira em Hollywood, fez questão de conciliar o cinema com seu consistente trabalho no teatro. Pode ser considerada uma características mais marcantes de seu trabalho como ator ter conseguido construir uma carreira consistente no teatro e, após sua estréia em Hollywood, ter mantido esta mesma consistência, diferentemente de outros artistas da época. Como, por exemplo, sua primeira esposa, Edith Barret, uma atriz consagrada do teatro, que teve carreira medíocre na grande tela. Sua primeira participação em um filme de horror se deu em 1939 com o filme *A Torre de Londres* (refilmado e estrelado novamente por Price em 1962), onde atuou junto com dois outros grandes nomes do horror que estariam ligados a ele muitos anos mais tarde: Basil Rathbone e Boris Karloff. No ano seguinte, novamente estrela um filme de horror, sendo o protagonista da continuação de *Invisible Man*, *Invisible Man Returns*, dirigido por Joe May.

Nos palcos todos seus papéis mais marcantes eram os de vilão, homem dúbio, de falso caráter ou mal intencionado e esta espécie de estigma o acompanharia também durante sua longa e marcante carreira nos cinemas, ainda mais a partir da década de 1950, num mesmo momento de sua carreira e de sua vida pessoal em que tentava se livrar deste estereótipo. Depois do seu bem sucedido papel como protagonista num dos filmes mais lembrados e cultuados de toda sua filmografia, *Museu de Cera* de 1953, onde novamente o vilão prevalece e que marca seu primeiro papel no puro gênero do horror, Price é acusado de ser simpático à causa comunista durante a “Caça às Bruxas” do Senador McCarthy, e se sente profissional e pessoalmente abalado (para se livrar das acusações de simpatia ao comunismo, assume em sua vida pessoal o papel de vilão). É somente em 1955 que volta a ter a oportunidade de trabalhar em uma obra de prestígio, quando fez o papel de Baka, o perverso arquiteto em *Os Dez Mandamentos* de Cecil B. De Mille. Este mesmo período de sua vida coincide com a tentativa de encontrar para si um nicho de elementos que o caracterizariam de uma forma diferente no cinema, diferentemente de Errol Flynn e Douglas Fairbanks Jr., que mesmo alcançando certa idade, ainda estavam ligados aos mesmos papéis da juventude de outrora.

Em 1958 protagoniza *A Mosca da Cabeça Branca*, outra obra das mais lembradas de sua cinematografia, numa história que mistura o dramático, o horror, ficção científica e o fantástico. Neste mesmo ano, estrelou mais dois filmes para um diretor muito peculiar, porém genial à sua maneira, William Castle. Curiosamente, Price e Castle se conheceram num encontro fortuito, num momento em que Price comia uma fatia de torta numa cafeteria próxima ao Goldwin Studios e Castle aproveitou a oportunidade para lançar a idéia que tinha para seu novo filme *A Mansão dos Maus Espíritos*. Price gostou de Castle e o descreveu como sendo “um dos últimos grandes ‘personagens’ nos filmes. Um homem espirituoso que amava artifícios e que sabia como fazê-los funcionar às vezes” (PRICE, 1999, p. 23, tradução nossa). O filme, concebido em baixo orçamento, foi um grande sucesso, se tornando um *Cult*, além de estabelecer um lugar para Price no grande firmamento das estrelas de horror. Em 1959, Price estrela outro filme para Castle, *Força Diabólica*, onde definitivamente conquistou a audiência jovem. Os últimos dois filmes da década de 1950 que Vincent Price estrelou continuaram com a crescente associação do seu nome com obras de mistério, horror e ficção científica, *The Return Of The Fly*, uma fraca continuação do grande sucesso *A Mosca da Cabeça Branca* e *The Bat*, com outra estrela e amiga de longa data, Agnes Moorehead.

É necessário pontuar algo curioso neste momento, e que vem reforçar a intensa ligação de Price com o horror e com o *Star System*. Muito mais do que em estrelando seus filmes, a imagem de estrela de cinema, que acabou indubitavelmente se ligando ao horror, está relacionado aos trailers de cinema. Em pelo menos seis *trailers* de filmes que estrelou, Price fala com o espectador, se apresenta como sendo Vincent Price, olha diretamente para a câmera ou é chamado de “Mestre do Macabro”. Isto vem a reforçar a teoria do *Star System*, onde muito mais do que a indústria que criou um modelo ou arquétipo que viesse atender às suas necessidades, Price se aproveitou deste *Star System* para sua autopromoção, ainda que, durante muito tempo, não estivesse seguro de querer sua imagem relacionada a personagens tirânicos ou ao gênero por si só.

Na década de 1960, porém, muita coisa muda. Se nos anos 1950 a AIP investiu em larga escala em filmes que atraísse o público adolescente, na década seguinte, veio uma avalanche de produções que mais pareciam imitações do que

outrora o estúdio havia produzido. Roger Corman propôs para Arkoff e Nicholson a idéia de um ciclo de filmes baseados em algumas das melhores obras de Edgar Allan Poe. Pela primeira vez a AIP passou a investir em filmes com um orçamento acima da média do estúdio, em produções coloridas e que fosse feitas num prazo regular, ao contrário dos dois filmes de horror em preto e branco, realizados a cada dez dias e com baixíssimo custo que o estúdio realizava até então. Corman lembra que para seu primeiro filme do ciclo, *O Solar Maldito* (1961), Price era não só sua melhor escolha, mas também sua única escolha para protagonizar o filme. Como o próprio Corman descreve: “Era o fato de que eu sabia que ele era um ator muito bom, que ele fez uma carreira sólida em outros tipos de filmes, e assim eu sentia que ele era o certo para o papel” (PRICE, 1999, p. 266, tradução nossa). Price além de ter gostado muito de Corman quando o conheceu, era um grande fã da literatura de Poe, e aceitou o papel sentindo que tinha encontrado genuinamente um desafio para sua carreira. Price, que a vida inteira foi um viciado em trabalho, e uma pessoa extremamente preocupada com dinheiro (uma explicação do por que ele aceitou fazer tantos papéis em tantos filmes de gêneros diferentes), pela primeira vez estava realmente interessado em fazer uma obra que fizesse jus ao talento de Poe, além de ter aceitado um cachê menor do que o habitual. *O Solar Maldito* foi um tremendo sucesso. Feito num orçamento de apenas \$270.000, arrecadou 2 milhões de dólares só no verão daquele ano. Price e Corman realizaram 8 filmes juntos, em obras que combinadas com uma das maiores produtoras de filmes de horror de todos os tempos, a Hammer Films, ajudaram, em parte, a cristalizar a imagem que temos de Price como sendo o “Rei dos Filmes Modernos de Horror”⁴. Price tinha uma afinidade com os personagens de Poe, as características e a genialidade dos personagens pareciam combinar com a sensibilidade de características shakesperianas do ator.

Um dos maiores atributos da vida pessoal de Price, sempre lembrada pela família e pelos amigos, era o grande senso de humor e grande capacidade de fazer piadas que ele tinha. Característica esta que em muitos momentos foi levada para os filmes em que atuou. Num nicho de filmes B, como Corman estava produzindo até então, apesar dos ótimos resultados finais, inevitavelmente ele acabou por se

⁴ Idem, p. 450, tradução nossa

confrontar com uma repetição de fórmulas, a solução encontrada foi adicionar uma pitada de humor, o que acabou funcionando muito bem como pode ser visto em dois filmes dirigidos por Corman e estrelados tanto por Price e por Peter Lorre, *Muralhas do Pavor* (1962) e *O Corvo* (1963).

Durante as décadas seguintes, Price continuou atuando em filmes de diversos gêneros, e ainda assim, jamais conseguiu desvencilhar sua figura do gênero do horror. Nos anos 1970, atuou em dois títulos em que reforçaria mais esta idéia: *Grite, Grite Outra Vez!* (1970) e *O Abominável Doutor Phibes* (1971). Paradoxalmente, artistas e amigos não viam esta ligação com bons olhos ou levavam isto a sério e o próprio Price não se sentia como representante de tal, pois sempre tentou evitar os filmes de horror chocante. Porém, ao mesmo tempo, como cita Victoria Price:

Ele entendeu que sua popular associação com a vilania poderia conduzir sua carreira quando a maioria de seus pares raramente o fez. Era uma compensação: se ele mordesse a mão que o alimentou ao recusar aparecer em filmes de horror, com muito trabalho e um pouco de sorte ele eventualmente poderia ter sido capaz de encontrar papéis satisfatórios em outros gêneros. Isto, no entanto, poderia ter provocado uma queda de favor com seu público, e este foi um risco que ele não estava disposto a correr. Em última análise, ele decidiu que o melhor curso de ação foi a de abraçar a vilania em seus próprios termos – elevá-la ao status de arte, ou pelo menos a um padrão do qual ele poderia se orgulhar (1999, p. 345).

Entendendo, enfim, que esta associação não afetaria de modo negativo sua imagem como pessoa pública, ou sua carreira como ator, Price fez a escolha de abraçar a imagem de “Mestre do Horror”, assim como fez o ator inglês Christopher Lee, até hoje conhecido por sua versão de Conde Drácula, que elevou seus personagens à patamares artísticos, ao mesmo tempo em que criou uma espécie de tipo positivo para sua carreira.

5 Grite, Grite Outra Vez! – A Construção do Arquétipo

Já no final da década de 1970 e início de 1980, a associação Price/horror já estava completamente cristalizada. Numa época em que Price reduziu sua aparição nos cinemas para se dedicar às dublagens e narrações, recebeu grandes convites pelo fato de ser uma espécie de “porta-voz” ou “representante” do gênero: Em 1975, faz uma participação especial no álbum *Welcome to my nightmare* do roqueiro Alice Cooper, fazendo uma narração especial para a faixa *The Black Widow* do álbum e também participando do especial de Cooper para a televisão. Em 1982 faz a célebre narração do poema macabro presente na faixa *Thriller* do álbum homônimo de Michael Jackson. De 1981 a 1989, foi o apresentador do programa *Mystery!*, transmitido pelo canal PBS, onde apresentava histórias de detetives e filmes para a televisão. Em 1982, ganha uma homenagem do diretor Tim Burton, ao narrar o curta-metragem animado *Vincent*, que conta a história de um menino com idéias sinistras, cujo sonho “era ser como Vincent Price”. Seu último filme é *Edward, Mãos de Tesoura* (1990), uma espécie de “conto de fada” sombrio, com elementos góticos, onde Price interpreta o pai/inventor de Edward, um jovem que tem tesouras no lugar das mãos, e que não consegue realizar o sonho de possuir mãos humanas, pois seu “inventor” vem a falecer.

Em uma breve análise de sua vida pessoal e de sua carreira cinematográfica, pode-se concluir que Price, na verdade nunca ficou satisfeito profissionalmente com este estereótipo do vilão ainda que sua forma física, altura, boas maneiras e trejeito sedutor contribuíssem para a construção do seu arquétipo de vilão. O conceito de arquétipo é proposto por Carl Gustav Jung, que acreditava numa espécie de “inconsciente coletivo”, onde toda a humanidade partilharia de conceitos similares a respeito dos mitos, criando, deste modo, modelos ou padrões. A partir desta premissa de Jung, o psiquiatra Marcos Callia nos diz que:

Os arquétipos são estruturas ou matrizes inatas que habitam o inconsciente coletivo, presente em cada ser humano como depositário das experiências humanas através da sua existência e do seu desenvolvimento na terra. Esses conhecimentos herdados e transmitidos durante longa jornada têm como base as necessidades do soma e as necessidades instintivas que

impulsionam para a vida. Os arquétipos são estruturas poderosas que influenciam a experiência pessoal para determinados padrões, comuns à nossa espécie (...). Os arquétipos estão presentes nos sonhos, nas fantasias interiores, nos mitos, nas lendas e na cultura popular. Carregam grande carga emocional, atualizando-se e estruturando as diferentes culturas⁵.

Ou, como coloca Rita Aparecida: “Muitas destas cristalizações particulares oferecem uma representação – ainda que indireta - das situações cotidianas, delas extraindo elementos familiares, que possibilitam ao homem uma maior compreensão de si e do mundo que o cerca⁶”. Sem sombra de dúvida é possível dizer que o arquétipo, muitas vezes, corresponde às necessidades simbólicas de representação, sendo a violência presente nos filmes de horror, uma forma de expressão das angústias do ser humano, uma válvula de escape. Carroll já havia pensado no fato de horror como sendo algo paradoxal⁷, onde algo que choca, aterroriza e que causa um sofrimento que todos preferem evitar no dia-a-dia, pode trazer prazer em sua forma “artística”. Como coloca Stephen King, um dos mais célebres autores da literatura do gênero:

O horror nos atrai porque ele diz, de uma forma simbólica, coisas que teríamos medo de falar de boca cheia, aos quatro ventos; ele nos dá a chance de exercitar (veja bem: exercitar, e não exorcizar) emoções que a sociedade nos exige manter sob controle. O filme de horror é um convite para entregar-se a um comportamento delinqüente, anti-social – cometer atos de violência gratuita, ter condescendência com nossos sonhos pueris de poder, nos render aos nossos medos mais covardes. Talvez, mais que qualquer outra coisa, as histórias ou filmes de horror dizem que não tem problema nos juntarmos à escória, nos tornarmos seres completamente tribais, matar o forasteiro⁸.

⁵ CALLIA *apud* MATOS, Lennon Oliveira et al. **As Metamorfoses de Satã: As Resignificações do Mal**. Disponível em <<http://www.nea.uerj.br/Anais/coloquio/orestes.pdf>> Acesso em 06/10/11

⁶ RIBEIRO, Rita Aparecida Conceição. **Do vermelho-sangue ao rosa-choque: o mito do vampiro e suas transformações no imaginário midiático do século XXI**. Disponível em <http://www.fca.pucminas.br/embriao/textos/vermelhosangue.pdf>> Acesso em 06/10/11

⁷ Por isso o subtítulo de seu livro é “Paradoxos do Coração”.

⁸ KING *apud* RIBEIRO, Rita Aparecida Conceição. **Do vermelho-sangue ao rosa-choque: o mito do vampiro e suas transformações no imaginário midiático do século XXI**. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/embriao/textos/vermelhosangue.pdf>> Acesso em 06/10/11

Podemos assim dizer que deduzir que paradigmas, convenções, modelos e os gêneros artísticos propõem uma espécie de momento de catarse do espectador, enquanto este pode desfrutar, através do objeto com o qual possui identificação ou afeição, de um transporte da vida real para dentro da vida mítica, onde nada lhe é negado e ele pode expressar suas angústias e seus mais profundos sentimentos. O sociólogo francês Michel Maffesoli⁹ chama isto de “relação totêmica”, onde a fascinação que exerce o personagem, seja ele herói ou bandido, assegura ao espectador a possibilidade de ele viver através do personagem dramático, uma maneira de viver a imortalidade.

6 CONCLUSÃO

O horror, na história do cinema, foi e ainda é um gênero extremamente popular e rentável, como se pode notar ao acompanhar as bilheterias toda vez em que um título novo é lançado. Esta popularidade é em parte explicada pelo fato de horror florescer como um resultado indireto dos acontecimentos concomitantes às obras que são produzidas, como reflexo dos problemas contemporâneos.

A carreira hollywoodiana de Vincent Price é quase simultânea a Era de Ouro do Horror Norte-Americano, o que pode ter contribuído em grande parte para que seu nome fosse extremamente popular dentro do gênero. E apesar de seu primeiro filme de horror ter sido *A Torre de Londres* em 1939, é somente na década de 1960 com o ciclo de filmes realizados com Roger Corman em adaptações de algumas obras de Edgar Allan Poe, que sua imagem de “Mestre do Macabro” se cristaliza definitivamente.

Entretanto, é fato que Price, na verdade, não se sentia a vontade interpretando vilões ou personagens perturbados e era extremamente viciado em trabalhar e em ganhar dinheiro, por isso, nos mais de cinquenta anos de carreira, participou de filmes de quase todos os gêneros possíveis. Paradoxalmente, os

⁹ MAFFESOLI *apud* RIBEIRO, Rita Aparecida Conceição. **Do vermelho-sangue ao rosa-choque: o mito do vampiro e suas transformações no imaginário midiático do século XXI**. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/embriao/textos/vermelhosangue.pdf>> Último acesso em 06/10/11

títulos em que interpretava o vilão e os seus filmes de horror foram os mais populares de todos. Deste modo, é possível dizer que o *Star System* falhou ao tentar fabricar Vincent Price nos moldes de uma “estrela do horror” na forma em que era previsto, pois seus personagens vis não geravam antipatia, e sim, reforçavam através da verossimilhança a identificação do espectador com a tirania e a perturbação. Isto pode ser explicado, em parte, pelo fato de que Price não atendia ao arquétipo mais popular do vilão: homem sujo ou de má aparência, cujas más intenções estão sempre presentes e são facilmente percebidas pelo espectador, ao contrário, Price trazia o arquétipo do herói de olhos claros, belo rosto, viril, de perfil afilado e maneiras sedutoras. Além disso, não teve uma vida mítica ou se portou como uma figura inalcançável, como é possível ver no episódio da “Caça aos Comunistas” do Senador McCarthy.

Porém, isto jamais afetou a conexão de Price ao horror ou sua popularidade com seus fãs e entusiastas do gênero. Na televisão, interpretou o vilão Egghead no seriado *Batman*, com Adam West na década de 1960, onde pode também mostrar sua veia cômica. Sua figura no horror é considerada de tão grande importância que foi laureado pelo conjunto de seu trabalho e por sua contribuição ao gênero em dois importantes festivais: o *Fantasporto* na cidade de Porto, Portugal em 1984, e o *Academy of Science Fiction, Fantasy and Horror Films* com o Prêmio Saturno em 1986. Além disso, possui duas estrelas na Calçada da Fama em Hollywood, uma pelos seus trabalhos televisivos e outra por sua contribuição ao cinema. Recebeu homenagens de bandas de Rock e de Blues, entre elas Misfits, ZZTop e Wednesday 13, que escreveram canções, nomearam álbuns ou se auto-nomearam como referência em obras e ao próprio nome de Price. E, neste ano de 2011 foi celebrado na cidade natal de Price, St. Louis, seu “Vincentenário”, uma série de comemorações alusivas aos 100 anos de seu nascimento, como prova de ser uma grande personalidade para seus fãs, que ainda hoje lamentam que seu falecimento tenha ocorrido apenas alguns dias antes das comemorações do *Halloween* de 1993.

REFERENCIAL TEÓRICO

A CÂMARA de Horrores do Dr. Phibes (DR. PHIBES RISES AGAIN). Direção: Robert Fuest. Intérpretes: Vincent Price, Robert Quarry, Valli Kemp. American International Pictures, 1972. 1 DVD (89 min.) son., color.

_____. 2009. 1 post (2min. 36s). Postado em: 01/10/2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=j2qdILDpFNs>> Acesso em: 17/08/2011

A CANÇÃO de Bernadette (THE SONG OF BERNADETTE). Direção: Henry King. Intérpretes: Jennifer Jones, Charles Bickford, William Eythe, Vincent Price. 20th Century Fox, 1943. 1 DVD (156 min.) son., p&b

A CASA dos Maus Espíritos (HOUSE ON HAUNTED HILL). Direção: William Castle. Intérpretes: Vincent Price, Carol Ohmart, Richard Long. William Castle Productions, 1959. 1 DVD (75 min.) son., p&b.

_____. 2007. 1 post (1min. 46s). Postado em: 18/10/2007. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=FmgAsLr2bqI>> Acesso em: 07/08/2011

A MOSCA da Cabeça Branca (THE FLY). Direção: Kurt Neumann. Intérpretes: Vincent Price, David Hedison, Patricia Owens. 20th Century Fox, 1958. 1 DVD (94 min.) son., color.

_____. 2008. 1 post (2min. 01s). Postado em: 25/08/2008. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Hdv4QA-O1bq>> Acesso em: 18/08/2011

AS SETE Máscaras da Morte (THEATER OF BLOOD). Direção: Douglas Hickox. Intérpretes: Vincent Price, Diana Rigg, Ian Hendry. Cineman Productions, 1973. 1 DVD (104 min.), son., color.

_____. 2009. 1 post (2min. 16s). Postado em: 01/10/2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=TxispCC-x8g>> Acesso em: 08/08/2011

BERGAN, Ronald. *Guia Ilustrado Zahar de Cinema*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006.

CALLIA *apud* MATOS, Lennon Oliveira et al. *As Metamorfoses de Satã: As Ressignificações do Mal*. In: I CONGRESSO INTERNACIONAL DE RELIGIÃO, MITO E MAGIA DO MUNDO ANTIGO E IX FÓRUM DE DEBATES DE HISTÓRIA ANTIGA, 17 p. 2010, Rio de Janeiro. Disponível em <<http://www.nea.uerj.br/Anais/coloquio/orestes.pdf>> Acesso em 06/10/11

CARROLL, Noël. *A Filosofia do Horror ou os Paradoxos do Coração*. Campinas, SP: Editora Papyrus, 1999.

DIÁRIO de um Louco (DIARY OF A MADMAN). Direção: Reginald Le Borg. Intérpretes: Vincent Price, Nancy Kovack, Chris Warfield. Robert E. Kent Productions, 1963. 1 DVD (96 min.) son., color.

_____. 2011. 1 post (2min. 16s). Postado em: 10/07/2011. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=6fj0DGXZkiA>> Acesso em: 21/08/2011

FARIA *apud* ALVES, Mariana de Souza e LEITE, Gabriela Figueiredo. *Sobre a possibilidade de os filmes comerciais apresentarem características de “filme de arte” a partir do trabalho do diretor Tim Burton*. Revista Anagrama, São Paulo, ano 1. n. 3, março/maio 2008. Disponível em <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/anagrama/article/view/6260/5672>>.

Último acesso em 04/08/11

FORÇA Diabólica (THE TINGLER). Direção: William Castle. Intérpretes: Vincent Price, Judith Evelyn, Darryl Hickman. William Castle Productions, 1959. 1 DVD (82 min.) son., p&b

_____. 2009. 1 post (2min. 31s). Postado em: 09/10/2009. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=TTS_wxFzKok> Acesso em: 15/08/2011

GRITE, Grite Outra Vez! (SCREAM AND SCREAM AGAIN). Direção: Gordon Hessler. Intérpretes: Vincent Price, Christopher Lee, Peter Cushing. American International Pictures, 1970. 1 DVD (95 min.) son., color.

_____. 2007. 1 post (2min. 19s). Postado em: 01/05/2007. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=S9IEINf9Jb8>> Acesso em: 27/08/2011

JANCOVICH, Marc (org.) *Horror, The Film Reader*. Londres: Routledge, 2002.

KING *apud* RIBEIRO, Rita Aparecida Conceição. *Do vermelho-sangue ao rosa-choque: o mito do vampiro e suas transformações no imaginário midiático do século XXI*. In: INTERCOM – XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 16 p., 2009, Curitiba. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/embriao/textos/vermelhosangue.pdf>> Acesso em 06/10/11

MAFFESOLI *apud* RIBEIRO, Rita Aparecida Conceição. *Do vermelho-sangue ao rosa-choque: o mito do vampiro e suas transformações no imaginário midiático do século XXI*. In: INTERCOM – XXI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 16 p., 2009, Curitiba. Disponível em <<http://www.fca.pucminas.br/embriao/textos/vermelhosangue.pdf>> Acesso em 06/10/11

MEU REINO por um amor (THE PRIVATES LIVES OF ELIZABETH AND ESSEX). Direção: Michael Curtiz. Intérpretes: Bette Davis, Errol Flynn, Olivia de Havilland, Vincent Price. Warner Bros, 1939. 1 DVD (106 min), son., color.

MORIN, Edgar. *As Estrelas de Cinema*. Livros Horizonte: Lisboa, 1980.

MORTOS que Matam (THE LAST MAN ON EARTH). Direção: Ubaldo Ragona, Sidney Salkow. Intérpretes: Vincent Price, Franca Bettoia, Emma Danieli. Produzione La Regina, American International Pictures, 1964. 1 DVD (86 min.) son., p&b.

_____. 2007. 1 post (1min. 48s). Postado em: 10/02/2007. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=i4mYireNvcq>> Acesso em: 13/08/2011

MURALHAS do Pavor (TALES OF TERROR). Direção: Roger Corman. Intérpretes: Vincent Price, Peter Lorre, Basil Rathbone. Alta Vista Productions, 1962. 1 DVD (89 min.) son., color.

_____. 2008. 1 post (1min. 54s). Postado em: 04/07/2008. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=BNgjHPkf9gY>> Acesso em:

19/08/2011

MUSEU de Cera (HOUSE OF WAX). Direção: André De Toth. Intérpretes: Vincent Price, Frank Lovejoy, Phyllis Kirk. Warner Bros, 1953. 1 DVD (90 min.) son., color.

_____. 2009. 1 post (2min. 11s). Postado em: 07/10/2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=fj54KNVNP4o>> Acesso em: 10/08/2011

NO DOMÍNIO do Terror (TWICE-TOLD TALES). Direção: Sidney Salkow. Intérpretes: Vincent Price, Joyce Taylor, Sebastian Cabot. Robert E. Kent Productions, 1963. 1 DVD (120 min.) son., color.

_____. 2010. 1 post (2min. 52s). Postado em: 17/10/2010. Disponível em <http://www.youtube.com/watch?v=E6yw_niqhXw> Acesso em: 10/08/2011
O ABOMINÁVEL Dr. Phibes (THE ABOMINABLE DR. PHIBES). Direção: Robert Fuest. Intérpretes: Vincent Price, Joseph Cotten, Hugh Griffith. American International Pictures, 1971. 1 DVD (94 min.) son., color.

_____. 2009. 1 post (2min. 36s). Postado em: 01/10/2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=j2qdILDpFNs>> Acesso em: 16/08/2011
O CASTELO Mal Assombrado (THE HAUNTED PALACE). Direção: Roger Corman. Intérpretes: Vincent Price, Debra Paget, Lon Chaney Jr. American International Pictures, 1963. 1 DVD (87 min.) son., color.

_____. 2008. 1 post (2min. 10s). Postado em: 09/05/2008. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=2VmmvBq6U4c>> Acesso em: 16/08/2011
O CORVO (THE RAVEN). Direção: Roger Corman. Intérpretes: Vincent Price, Peter Lorre, Boris Karloff. Alta Vista Productions, 1963. 1 DVD (86 min.) son., color.

_____. 2009. 1 post (2min. 24s). Postado em: 04/04/2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=Uy3ktfRztss>> Acesso em: 09/08/2011
OS DEZ Mandamentos (THE TEN COMMANDMENTS). Direção: Cecil B. De Mille. Intérpretes: Charlton Heston, Yull Bryner, Anne Baxter, Vincent Price. Paramount, 1956. 2 DVD (220 min.) son., color.

_____. 2009. 1 post (1min. 00s). Postado em: 21/03/2009. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=de9-FL-fJU>> Acesso em: 11/08/2011
O UIVO da Bruxa (CRY OF THE BANSHEE). Direção: Gordon Hessler. Intérpretes: Vincent Price, Elisabeth Bergner, Essy Persson. American International Pictures, 1970. 1 DVD (91 min.) son., color.

_____. 2011. 1 post (2min. 28s). Postado em: 11/01/2011. Disponível em <<http://www.youtube.com/watch?v=U0yA2bHa8lc>> Acesso em: 11/08/2011
PRICE, Victoria. *Vincent Price: A Daughter's Biography*. New York: Martin's Press, 1999
SCHATZ, Thomas. *O Gênio dos Sistemas: a era de ouro dos estúdios em Hollywood*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.